

Apresentação

Este número especial de *Resgate – Revista Interdisciplinar e Cultura* – reúne textos apresentados nos Grupos de Trabalhos do X Encontro Regional Sudeste de História Oral, que teve como temática “Educação das Sensibilidades: violência, desafios contemporâneos”. Este evento bianual é uma programação da Associação Brasileira de História Oral Diretoria Regional Sudeste, que em sua décima edição contou com a coorganização do Centro de Memória-Unicamp e foi sediado na Universidade Estadual de Campinas, em setembro de 2013. Os textos aqui reunidos foram originalmente apresentados e debatidos nos nove Grupos de Trabalhos deste Encontro e foram selecionados pelos seus coordenadores, que compuseram este fórum.

Trata-se de textos cujo significado para os pesquisadores de história oral é extremamente potente, e que se projeta para outras áreas. Isso porque a história oral se consolida cada vez mais não apenas no campo historiográfico, mas nas humanidades e na cultura acadêmica como um todo, oferecendo-lhes contribuições vigorosamente estimulantes. Referimo-nos às potencialidades da história oral no que diz respeito à ampliação dos sujeitos e das suas dimensões não apenas racionais, mas também sensíveis. Quantas produções de saberes a contrapelo só são possíveis quando se ousa alargar os campos da pesquisa, incorporando o imponderável das vozes muitas e muitas vezes silenciadas?

O tema “educação das sensibilidades” é aqui tomado como historicamente situado, portanto, como imagem que é, ao mesmo tempo, produto e produtora das relações socioculturais, nas quais a dimensão de sujeitos históricos se amplia. Ou seja, esta ampliação de perspectiva de análise ocorre tanto sob o ponto de vista pessoal, como social, potencializando captá-los como pessoas portadoras não só de visões racionais, mas, também, de percepções sensíveis. Pessoas que se constituem em relações conflituosas, dinâmicas, muitas vezes ambivalentes.

Tal escolha temática representa, portanto, uma possível *chave* de entrada para a problematização do cenário urbano que caracteriza hoje o que o filósofo Anthony Giddens intitula “alta modernidade”. Nela vivenciamos processos sociais plurais, complexos, ambivalentes, de “educação das sensibilidades” – educação aqui concebida como plasmada não só de maneira formal ou não formal, mas, também, informal, geradora, em grande parte das vezes, de tanta violência! Violências estas que em movimentos reflexivos produzidos coletivamente podem engendrar a problematização das relações sociais na conexão com as práticas de educação das sensibilidades. Nesse sentido, entendemos sensibilidades como sinônimo ampliado de percepção do mundo historicamente situada – enredada, portanto, em práticas de dominação e/ou resistência, que as narrativas orais são tão generosas em ajudar a desvelar.

O conjunto de textos reunido neste dossiê é uma demonstração exemplar disso. Pode-se dizer que ele se organiza em dois grandes blocos temáticos. O primeiro desses blocos trata de histórias, memórias e identidades locais: abriga textos que empregam a história oral de forma criativa, para conectar a história local tanto a anseios humanos como um todo quanto a coisas coletivas em planos regional/nacional. O segundo bloco do dossiê demonstra de maneira mais evidente a ampla diversidade temática do campo da história oral, permitindo que ele seja também entendido como um mapeamento amplo das sensibilidades.

O dossiê é aberto pelo texto *Tradição oral e patrimônio imaterial: O papel da memória na luta por políticas públicas na comunidade de Canárias, Maranhão*, que relata os esforços de Marta Gouveia de Oliveira Rovai em uma pesquisa de memória e patrimônio cultural imaterial que inclui a população ribeirinha dos estados do Piauí e do Maranhão. A principal atividade econômica desta comunidade, a pesca, enseja uma série de atividades colaterais: não apenas o comércio local, mas a produção de bens como redes, artesanato e doces, intrincados a valores e costumes locais. Todo esse conjunto de práticas, ofícios e hábitos é assunto do texto de Rovai, que se vale de noções como as de tradição oral, lugares de memória e trabalho colaborativo para desenvolver uma reflexão aguda capaz de comportar a inserção do próprio pesquisador em meio às iniciativas para promover políticas públicas que permitam que tradições e memórias ressoem para além de seus locais de origem e transformem-se em trunfos para seus geradores.

Claudia Patrícia de Oliveira Costa e Nilson Henrique de Araujo Filho, em *Experiências possíveis no âmbito da História Oral: Memórias da emancipação do município de Queimados – RJ*, relatam o trabalho sistemático de registro de depoimentos de antigos moradores da cidade de Queimados, na Baixada Fluminense, que vem

ocorrendo desde 2009, bem como seu tratamento e análise. Enfocando os relatos de lideranças de uma importante associação comunitária da região, os autores discutem como são elaboradas as lembranças sobre o movimento de emancipação que buscou desvincular a cidade, em 1980/1990, de Nova Iguaçu; os argumentos colocados em favor dessa posição; e conectam tudo isso a manifestações maiores, no âmbito político/social, no país.

Em *Participação política na periferia Leste de São Paulo: Memória de antigos moradores (1940-1980)*, Adriana Santiago Rosa Dantas e Graziela Serroni Pedrosa trabalham em uma perspectiva complementar, oferecendo uma contribuição sólida aos estudos sobre a Zona Leste de São Paulo, que vêm se avolumando nos últimos anos. Com base em histórias orais recolhidas em Ermelino Matarazzo, as autoras discutem temas importantes para a região como um todo: a migração, a favelização, o processo de industrialização. Elas tratam, especialmente, da formação das Sociedades de Amigos de Bairros e dos movimentos por moradia, que demonstram uma complexa negociação entre agentes e suas demandas, no espaço público.

De certo modo concluindo este primeiro bloco do dossiê, Gustavo Esteves Lopes, em *Presença da História Pública em Comunidades Locais: Políticas Culturais e Exercício de Cidadania no Contexto de Repertórios de Ação Coletiva - a Experiência Recente do "Centro de Memória de Hortolândia - Prof. Leovigildo Duarte Júnior"*, também relata sua experiência como historiador e gestor do Centro de Memória de Hortolândia, destacando os dilemas dessa articulação dupla e os desafios de suas atividades práticas. Ele oferece, ainda, uma chave conceitual de muito interesse para se pensar esse tipo de atuação – a história pública –, remetendo a referências teóricas importantes, como a de “autoridade compartilhada”, trazida por Michael Frisch.

A partir de então, não apenas os temas se multiplicam, como também as abordagens sobre o método. Em *Brasília nos filmes da Novacap*, Ana Lúcia de Abreu Gomes utiliza como fonte de informação entrevistas de arquivo a fim de compreender representações sobre a construção da capital do país, lembrando, assim, que a metodologia de história oral também pode se remeter a entrevistas feitas por outros pesquisadores. Em *Fontes digitais para a pesquisa em memória social: Dois estudos de caso*, Rosali Maria Nunes Henriques e Rafaella Prata Rabello exploram de maneira mais enfática uma questão metodológica: ao lado do uso de entrevistas de história oral, elas verificam como a memória espacial e sentimental sobre a cidade de Juiz de Fora se projeta em um grupo da rede social Facebook, com mais de dois mil membros. Trabalhos como estes relembram os desafios permanentes colocados para os pesquisadores de história oral e, de modo geral, para aqueles que lidam com estudos do tempo presente.

A incorporação da história oral em estudos sobre a saúde pode ser exemplificada em *Memórias sobre os cuidados: A tuberculose e o modelo senatorial no início do século passado*, de Cristiane P. C. Lacaz, Lúcia Pedroso da Cruz e Maria Helena S. Bagnato. Em uma trilha que tem se mostrado bastante frutífera, as autoras utilizam entrevistas para obter informações a respeito dos tratamentos, dos cuidados e do tipo de atenção social dirigida ao tuberculoso no século XX. O foco das autoras, no caso, recai sobre o Sanatório Vicentina Aranha, primeira instituição do tipo inaugurada na cidade paulista de São José dos Campos, em 1924.

A criatividade e a expressividade perpassam os dois artigos seguintes. Fernando Costa Cordovio vale-se não apenas de entrevistas, mas de outros recursos audiovisuais coletados ao longo do processo de pesquisa e aproveitados para a própria obtenção de novos dados, em um movimento contínuo, com a finalidade de compreender os processos educativos tal qual significados por jovens músicos frequentadores de uma ONG da cidade de Campinas, em seu *Percurso metodológico: História oral de jovens músicos instrumentistas em Campinas (SP)*. Fora da perspectiva da profissionalização e do mercado de trabalho, Amanda Alexandre Ferreira Geraldes trata, em *Máscara, flores e divinos: A cultura material da Festa do Espírito Santo de Pirenópolis/GO*, de outra realidade espacial, mas que remete a tradições e festejos nacionalmente espargidos. Ela utiliza a história oral, a iconografia e a cultura material para analisar os significados simbólicos da Festa do Divino para a comunidade que dela participa; a relação do espaço e dos objetos com a construção de uma memória coletiva; a conexão entre os indivíduos e os grupos com o espaço público no qual os ritos e festejos são apresentados.

O espaço público volta a ser um tema importante em mais dois artigos do dossiê. Vanessa Generoso Paes, em *Narrando a diáspora: Deslocamentos e fluxos populacionais de bolivianos para o Brasil*, Vanessa Generoso Paes filia-se a uma larga tradição no campo da história oral – os estudos migratórios – e estuda uma colônia que tem atraído a atenção dos pesquisadores mais recentemente: os bolivianos. O diferencial de seu trabalho

consiste em focalizar famílias, retomando assim uma das mais antigas linhas de trabalho com relatos orais, que remete a autores como Oscar Lewis. Andréa Souza Marzochi, em *Procedimentos metodológicos de pesquisa com jovens infratores: A importância da história oral*, informa ainda sobre a linha de história oral seguida em seu trabalho registrando a trajetória de jovens internados na Fundação CASA.

Este número se encerra com dois artigos nos quais a palavra pertence ao professor, ao educador. Caroline Pacievitch, em *Professores narradores: Potenciais e desafio da pesquisa sobre formação de professores de História (2000-2013)*, realiza uma valiosa investigação a respeito do papel das fontes orais em pesquisas sobre formação de professores de História, tendo selecionando doze dessas pesquisas para uma análise verticalizada que oferece pistas instigantes sobre a proximidade entre os estudos de história oral e a educação. Fecha o dossiê o texto *Na travessia da profissão docente: Aproximações e limites do ofício docente em Minas Gerais (1960-1970)*, de Mauro Passos, um estudo que, como se complementando o anterior, mostra, na prática, como um único depoimento (no caso, o de uma professora pública mineira) pode oferecer insights reveladores para quadros de relações mais amplas que envolvem questões como profissionalização, vocação, autonomia e interferência do Estado.

Como se nota – e como os artigos, em si, comprovarão – a diversidade de abordagens continua sendo uma marca do campo da história oral feita no Brasil. Ela replica, assim, a diversidade mesma de seus objetos. Convidamos o leitor a apropriar-se destes textos, tecendo-os em uma nova teia de sensibilidades. Boa leitura!

Maria Elena Bernardes e Ricardo Santhiago (orgs.)